

VIDAS PERDIDAS NO LAGO

UMA SEMANA APÓS O NAUFRÁGIO DO IMAGINATION, O CORREIO TRAÇOU O PERFIL DOS NOVE MORTOS NO ACIDENTE COM A EMBARCAÇÃO. FAMILIARES E AMIGOS QUE PARTICIPAVAM DE UMA CONFRATERNIZAÇÃO CONTAM HISTÓRIAS DE DOR E TRISTEZA

» FLÁVIA MAIA
» KELLY ALMEIDA

Não é certo o número de pessoas que estavam a bordo do barco Imagination quando ele naufragou, há uma semana, no Lago Paranoá. A polícia estima que pelo menos 110 passageiros embarcaram na viagem que terminou com a morte de nove vítimas. A única certeza é que o acidente transformou a vida daqueles que perde-

ram familiares e amigos. Quem estava na embarcação participava de uma confraternização organizada para celebrar a amizade. “Era uma festa de família, todo mundo se conhecia”, contou Rosita Machado de Moraes, 33 anos, tia de Ester Araújo de Oliveira, 10. As duas estavam no passeio, além de seis parentes. A menina, no entanto, não sobreviveu.

Terceira vítima a ser encontrada pelos bombeiros, a garota deixou uma mensagem de carinho

aos amigos da escola. Em uma cartinha, ela se despede da turma, pois mudaria para o turno da tarde após seis anos de convivência escolar. “Fiz cópias para todos os alunos e a original entreguei à mãe dela (Rosilda Machado de Oliveira)”, afirmou a professora Benedita Pereira Vogabo. Ester cursava o 5º ano no Centro de Ensino Fundamental ABC, no Paranoá, onde vivia com os pais.

Além de Ester, outra criança morreu no naufrágio do Imagina-

tion — João Antônio Fernandes Rocha, sete meses. “O João tinha os olhos claros e era muito parecido comigo”, contou José Carlos Rocha, 46 anos, que perdeu o filho e a mulher, Valdelice de Souza Fernandes, 36, na tragédia. Mãe e bebê foram enterrados juntos em Ibotirama (BA), a 800km de Brasília.

Passeio

Teve gente que perdeu a vida em serviço. É o caso de três víti-

mas do Imagination. “Morreu correndo atrás”, comentou Benjamim Braga, 50 anos, amigo do cozinheiro Adail de Souza Borges, 45. Além de Adail, perderam a vida os garçons Vicente Carneiro de Sousa Neto, 36, e Hadnilton José de Oliveira, 31. Vicente não estava na escala do bufê. Substituiu de última hora um colega.

Já a garçonete Flávia Daniela Pereira Dornel, 22 anos, tirou o domingo de folga e não trabalhou na embarcação, como fazia

normalmente. “Ela estava acostumada a trabalhar no barco e queria que eu fosse, me dizia que não tinha perigo”, recordou Júlia Pereira, mãe da jovem. Assim como Flávia Daniela, o gaúcho Paulo de Mello, 39 anos, empolgou-se com o passeio e levou a mulher e a filha — as duas sobreviveram. Também morreu Robinson Araújo de Oliveira, 29. “Ele era um excelente companheiro de trabalho”, destacou o amigo Wesley Batista, 27 anos.

Edilson Rodrigues/CB/D.A Press



João Antônio Fernandes Rocha, sete meses

O pequeno João Antônio era filho de Valdelice Fernandes, 36 anos, e **José Carlos Rocha**, 46. No dia do acidente, estava no Imagination com os pais e com a irmã, Vitória, 4. A família ocupava o primeiro andar do barco para fugir do barulho do som, ligado no primeiro piso. José Carlos lembrou que a noite estava linda e que a família curtia unida, mas, de repente, o barco começou a afundar e os quatro se separaram. Ele segurou a filha Vitória, mas João Antônio e

Valdelice sumiram.

João Antônio foi retirado com vida do Lago Paranoá, momentos após o acidente, mas morreu antes de dar entrada no Hospital de Base do Distrito Federal. A mãe do bebê ficou desaparecida até terça-feira, quando o Corpo de Bombeiros a resgatou sem vida. Consternado, José Carlos descreveu a criança. “Ele tinha os olhos claros, assim como os meus. Era muito parecido comigo”, disse o comerciante (KA).



Era muito parecido comigo”

José Carlos Rocha, pai de João Antônio

Flávia Daniela Pereira Dornel, 22 anos

Carinhosamente chamada por Daniela pela mãe, Júlia Pereira, a jovem teve os sonhos interrompidos com o naufrágio do Imagination. O corpo da garçonete que exaltava o amor à vida — como ela mesma escreveu em página no site de relacionamentos Orkut — foi o primeiro resgatado pelo Corpo de Bombeiros do fundo do Lago Paranoá. Para ela, 2011 se apresentava como um ano de avanços profissionais. Ela planejava abrir um quiosque no Setor Comercial Sul e, mais tarde, se tornar empresária.

A alegria de Daniela também era ver a família unida. E a tarefa não se revelava complicada, pois a jovem morava perto da mãe e vivia com os três filhos no segundo andar de um sobrado dividido com o irmão, no Recanto das Emas. Sempre que podia, cuidava dos seis filhos da irmã, Vanda Cristina Pereira, 25 anos, dona do bufê que organizou a festa no bar-

co. “Tem que morar todo mundo junto e pertinho”, dizia a garçonete aos parentes mais próximos.

A união familiar levou quatro filhos de Júlia para a confraternização realizada há uma semana no Paranoá, embora nenhum deles soubesse nadar. Acostumada a trabalhar como garçonete em eventos em barcos, Daniela insistiu para a mãe também ir à festa, porque era a primeira da qual ela participava como convidada. “Ela repetia que não tinha perigo”, contou a mãe.

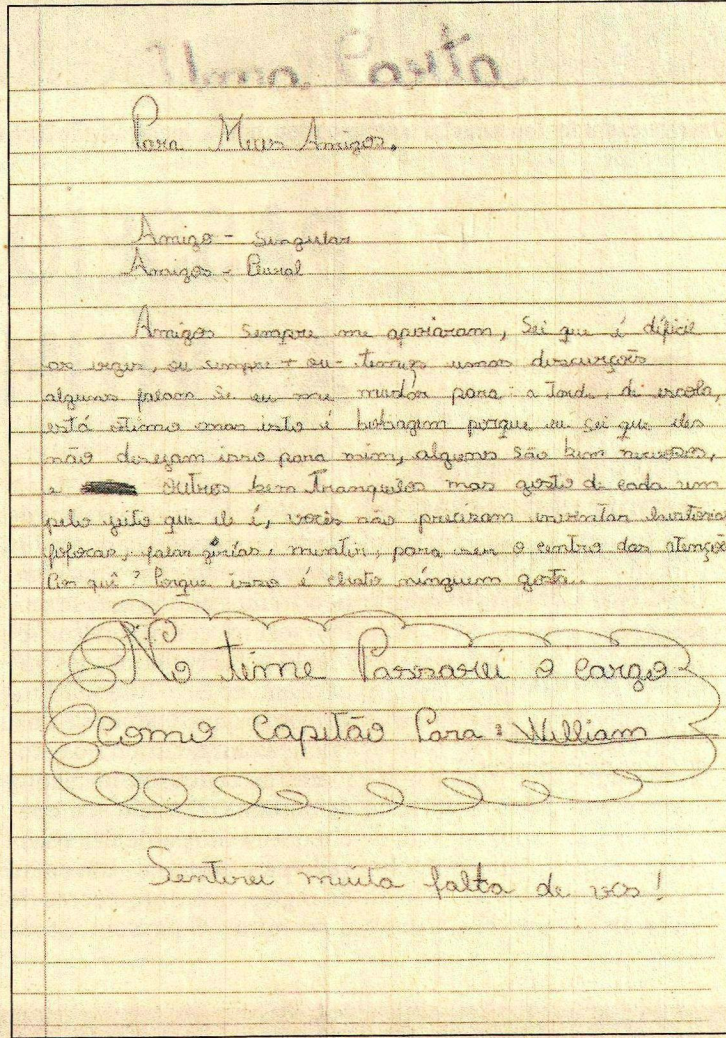
Preocupada com um sonho que teve quatro dias antes do acidente, Júlia preferiu não ir e pediu para a filha mais nova ficar, porque não queria todos no barco. “Sonhei com uma criança voando, mas, na verdade, era Deus levando a minha filha”, contou, chorosa. **Daniela** deixou três filhos. O mais novo, Heitor, tem um ano e oito meses (FM).



Ela repetia que não tinha perigo”

Júlia Pereira, mãe de Flávia Daniela

Arquivo Pessoal



Ester Araújo de Oliveira, 10 anos

Ester deixou uma carta de despedida aos colegas de aula dois dias antes de perder a vida no naufrágio do Imagination (leia fac-símile). A menina mudaria de turno no colégio e, ao deixar a turma em que estudava desde os 4 anos no Paranoá, resolveu homenagear os amigos com uma mensagem de carinho. A letra arredondada e o traço forte traduzem o sentimento dela pelos companheiros depois de seis anos de convívio escolar. Na cartinha, Ester dá conselhos de boa educação e passa a liderança do time de futebol a William. “Eu gosto de cada um pelo jeito que ele é”, escreveu em um dos trocos. E se despede: “Sentirei mui-

ta falta de vocês.”

Na segunda-feira, antes de saber do naufrágio, a professora Benedita Pereira Vogabo, 30 anos, avisou aos alunos que Ester tinha escrito uma carta. Mas, comunicada sobre o acidente e o desaparecimento da menina, a professora preferiu esperar mais notícias para ler as palavras. “A gente sempre fica com esperança”, afirmou Benedita. Ao ser encontrado o corpo de Ester, a professora leu a carta e deu uma cópia dela para cada coleguinha. A original ficou com a mãe, Rosilda Machado Araújo de Oliveira, 42.

Os familiares e os amigos se apegam hoje às boas lembranças para tentar amenizar a

Carlos Moura/CB/D.A Press



Sentirei muita falta de vocês”

Ester Araújo, em carta deixada aos amigos dois dias antes do acidente

saúde. “Ela queria ser veterinária, adorava bichos. O Bambopi, cachorrinho de pelúcia que dormia com ela todos os dias, foi colocado no caixão”, contou a tia Rosita Machado de Moraes, 33 anos. “Nós vimos a Ester crescer nessa escola. Ela era muito carinhosa, educada”, relatou Ivaneide Gomes da Silva Soares, diretora do Centro de Ensino Fundamental ABC do Paranoá.

Ester vivia com a mãe e o pai, Gilberto de Oliveira, 51 anos, na

cidade. A organização e o espírito de liderança chamavam a atenção de quem convivia com ela. “Ela tinha bom comportamento. Em casa, fez uma tabelinha de estudos diários”, lembrou-se a professora Benedita. De acordo com ela, a mãe contou que Ester estava empolgada com o passeio de barco e não dormiu direito na noite anterior. “Rosilda (a mãe) está se apegando ao fato de que Ester estava feliz, para amenizar a dor”, comentou. (FM)



**Quando Deus
chama, Ele não
escolhe a hora"**

Alarico Mota Filho,
vizinho de Vicente

Vicente Carneiro de Sousa Neto, 36 anos

Nascido no município de Itapecuru Mirim, região norte do Maranhão, Vicente Carneiro de Sousa Neto, de 36 anos, era o primogênito de cinco irmãos — quatro homens e uma mulher. Ele veio para Brasília ainda criança e escolheu a cidade de Ceilândia para morar. Na cidade mais populosa do DF, Vicente viveu com a família e fez grandes amigos.

“Conhecia ele desde pequeno. Nossas famílias são muito amigas, mas quando Deus chama, Ele não escolhe a hora”, lamenta Alarico Mota Filho, 73 anos, vizinho de Vicente por mais de 20 anos. Lembrado como uma pessoa religiosa e sem vícios, Vicente deixa saudade em todos que o cercavam. Mas a sua alegria faz com que a saudade seja canalizada em amor.

“Jogamos futebol na sexta-feira antes do acidente. Ele brincou e disse que eu estava barrigudo. Adorava coloca-los apelidos em todos, e era popular na rua em que morava”, apontou o amigo, Jeferson Miranda, 17. No dia do acidente, o garçom trabalhava para substituir um amigo, que estava escalado mas não pôde ir. A esposa de Neto, como ele era chamado, pediu que o marido não fosse trabalhar naquele dia, pois ela estava com pressentimentos ruins. “Ela sonhou que procurava algo na margem de um lago e não encontrava”, contou a amiga e vizinha Cida Moreira, de 34 anos.

A vizinha Maria Luíza Alves, 37 anos, contou que no dia do enterro do garçom, ele iria ao shopping com a esposa Selma, com o filho João Victor, 5, e com a filha Larissa, 15, do primeiro casamento. "A família ia comemorar os oito anos de casamento entre ele (Vicente) e a Selma. Durante o enterro, o João falava que estava esperando o pai para passear", contou a diarista. (KA)